

POR GARANTIA. Partidos começam a formar base com antecedência

Alianças miram eleição de 2018

MARCOS RODRIGUES
REPÓRTER

A sobrevivência política de muitos partidos, candidatos e futuros projetos de poder passa definitivamente pelo processo eleitoral deste ano. Enquanto a maioria dos eleitores estiver votando, escolhendo seu vereador ou prefeito, uma parcela de quem está envolvido com o processo estará pensando já na eleição de 2018.

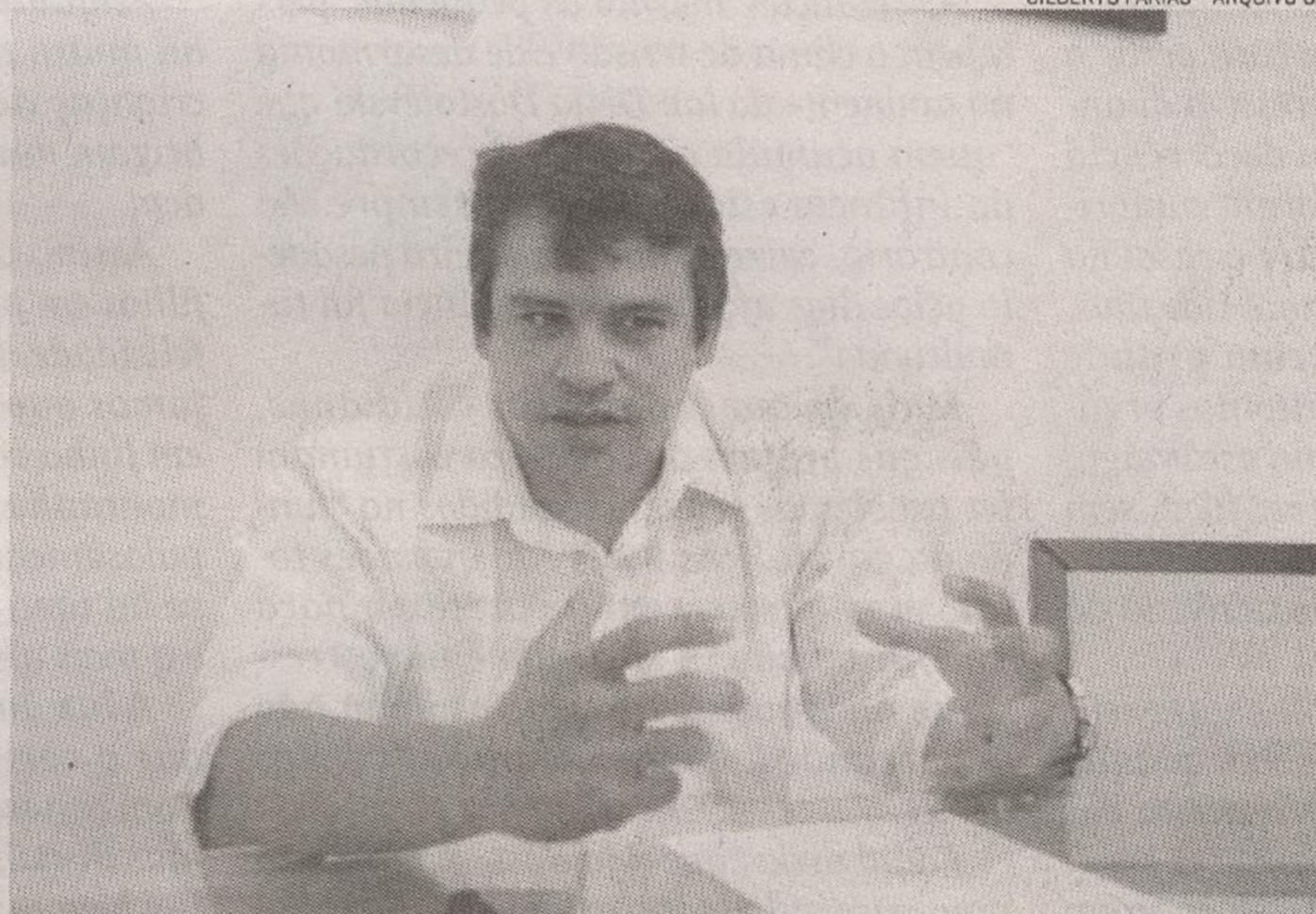
Desde o ano passado, o cientista político e professor da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), Ranulfo Paranhos, já alertava que “enquanto vemos o processo mais próximo, os políticos já vislumbram os próximos quatro anos”.

Seguindo esse raciocínio, é fácil perceber que as composições, de agora, são tão importantes que ajudam a “pavimentar” o caminho, até das eleições majoritárias para governador, senador e presidente da República.

Isto porque a pulverização dos partidos que se espalham pelo País ajudam a montar o reflexo do que é a força de cada um para o cenário futuro.

Do mesmo jeito que o PSB fez há doze anos, quando estava no poder com o governador Ronaldo Lessa. Além de ter ganhado a capital, com Kátia Born, o partido cresceu significativamente pelo interior do Estado, direta e indiretamente, com outras legendas agregadas. Como o processo foi interrompido, a construção do “Lesismo” não prosperou.

Essa realidade, agora, está norteadada por no-



GILBERTO FARIAS - ARQUIVO GA

Para Ranulfo Paranhos, “enquanto vemos o processo mais próximo, os políticos já vislumbram os próximos quatro anos”

vas bases. Conforme ponderou Ranulfo Paranhos, principalmente por conta da necessidade do senador Renan Calheiros (PMDB) ter que construir o caminho de sua permanência no Senado.

Como dificilmente construa uma outra alternativa, além do próprio Senado, em sua visão como analista político, ele estaria criando um fenômeno populista, similar ao que aconteceu no Maranhão, com a família Sarney, e na Bahia, com Antônio Carlos Magalhães.

“Não sei se posso criar esse termo, ‘Calheirismo’, mas é como analiso a atual conjuntura. Vejo al-

go similar aos ‘Sarneys’ e o ‘carlismo’. Mas com uma diferença. É que aqui ele quer capilarizar ao máximo possível, avança em várias frentes, tanto na capital como no interior, mas sem interferir nos projetos políticos locais. Ou seja: desde que se adequem como uma célula, dentro do projeto maior, está tudo bem”, analisa Paranhos.

Para ele tudo se diferencia por conta da capacidade de firmar e cumprir acordos, inclusive que lhe dão a responsabilidade de garantir acesso e recursos do governo federal.

FORÇA


Na última quinta-feira, quando trouxe a Alagoas o candidato à reeleição da presidência do partido, o vice-presidente da República Michel Temer, o PMDB mostrou sua força. Filiou dois deputados, negocia com outros dois, mais quase uma centena de lideranças, vereadores e prefeitos.

No semblante dos que estavam chegando ao par-

tido, um ar de admiração, de sentimento de “pertencimento”, como se estandessem entrando na legenda estavam garantindo o futuro político.

Em meio ao discurso entusiasmado do vice-governador Luciano Barbosa, que lembrou fatos históricos do partido e deu detalhes do quão grande a legenda é, deixou claro que o PMDB não é “coadjuvante” da gestão de Dilma, mas sim artífice, base e sustentação.

Tanto que mesmo arranhado pela Lava Jato, após a carta-bomba de Temer, resiste e se apresenta como alternativa, inclusive, de poder. Mesmo que para isso tenha que sacrificar o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, em nome da “unidade nacional”.

Sobre a relação do povo com esse processo, o cientista político lembra que ele só é compreendido por uma parte da população. Justamente a que tem acesso à informação e tem independência política. 



Acordos

Tudo se diferencia por conta da capacidade de firmar e cumprir acordos, inclusive que dão a responsabilidade de garantir acesso e recursos do governo federal